



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia
Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa

**ALFABETIZAR LETRANDO: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE LINGUA
MATERNA**

Maria Aparecida Barbosa

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Sulanita Bandeira da Cruz Santos

Carpina,
2019

ALFABETIZAR LETRANDO: UM DESAFIO PARA O ENSINO DE LINGUA MATERNA

Maria Aparecida Barbosa

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

mariaaparecidabs89@gmail.com

Sulanita Bandeira da Cruz Santos (orientadora)

Licenciatura em Letras UAEADTec/UFRPE

Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE

sulaband@hotmail.com

Resumo: Atualmente, defende-se um trabalho pedagógico nos anos iniciais que envolva tanto o alfabetizar quanto o letrar, por serem considerados como processos inseparáveis, que devem caminhar paralelamente. Esta é a nova e desafiadora tarefa que se apresenta aos professores e que vem sendo, há muito tempo, tema de discussões entre os estudiosos da linguagem. Nesta perspectiva, este artigo, com base numa revisão bibliográfica, tem por objetivo refletir sobre as contribuições da alfabetização vinculada ao letramento para o ensino e aprendizagem da língua materna. Assim sendo, discorreremos sobre o conceito de alfabetização e letramento, além da relevância de se alfabetizar letrando e, concomitantemente, refletiremos sobre suas implicações no que diz respeito ao papel do professor nesse processo, já que ele precisa se apropriar do sentido da alfabetização e letramento para poder vivenciá-lo em sua prática pedagógica no que concerne ao ensino da leitura e da escrita.

Palavras-Chave: Alfabetização. Letramento. Ensino de língua materna.

1. Introdução

Leitura e escrita são práticas indissociáveis que se manifestam mediante as interações sociais, pois estamos inseridos numa sociedade grafocêntrica. E neste sentido, ler e escrever se constituem como uma condição para inserção social e, em consequência disso, muitas pesquisas têm sido realizadas em torno da prática de alfabetização. Nesta perspectiva, por exemplo, Santos (2014) nos chama a atenção para o fato de que, durante muito tempo, a escola trabalhou tendo como o foco o ensinar a escrever, no sentido da decodificação do código linguístico, ou seja, a decodificação das letras e seus respectivos

sons, para, posteriormente trabalhar a escrita visando fins socialmente legitimados. No entanto, uma prática alfabetizadora pautada por essa visão vem sendo muito discutida e até sendo substituída pelo que podemos chamar de *alfabetizar letrando*. Em face a este contexto, indagamos: em que consiste *alfabetizar letrando*? Qual a sua relevância no ensino de língua materna?

Diante disso, esse artigo se propõe, com base numa revisão bibliográfica, trazer algumas considerações em torno dos conceitos de alfabetização e letramento, por entendermos que, embora, ambos sejam dotados de determinadas particularidades, convergem para o mesmo foco: a leitura e a escrita. E dessa forma, atrelado às reflexões em torno desses conceitos, não poderíamos deixar de trazer uma abordagem voltada para as implicações que eles trazem para o ensino da leitura e da escrita.

Sendo assim, iniciaremos nossa abordagem, tentando deixar clara a distinção entre alfabetização e letramento e, em seguida, pontuaremos algumas questões que nos remetem para a reflexão em torno ensino de língua materna na perspectiva do *alfabetizar letrando*.

2. Procedimentos Metodológicos

Toda a pesquisa implica a necessidade de que se adote um procedimento metodológico, ou seja um método, para que se possa alcançar os objetivos propostos. Neste sentido, Gil (1999, p.26) define método “como caminho para se chegar a determinado fim. E método científico como um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir o conhecimento.”

Sendo assim, como percurso metodológico para o presente estudo utilizamos a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (1999, p.65) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...] há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.” Assim sendo, tomamos como base livros e artigos que tratassem sobre o tema para elaborarmos o presente trabalho.

3. Resultados e Discussões

3.1. *Refletindo sobre o conceito de Alfabetização e Letramento*

Atualmente, defende-se um trabalho pedagógico nos anos iniciais que envolva tanto o alfabetizar quanto o letrar. E isto nos parece ser uma nova e desafiadora tarefa que se apresenta aos professores e, talvez, porque, conforme sinaliza Rego (2006, p.1),

Ao longo dos anos a alfabetização escolar tem sido alvo de inúmeras controvérsias teóricas e metodológicas, exigindo que a escola e, sobretudo, aqueles profissionais que lidam com o desafio de alfabetizar se posicionem em relação às mesmas, o que certamente terá consequências para as práticas pedagógicas que irão adotar.

Dentro desse contexto, ainda segundo a referida autora, no Brasil, durante muito tempo, emergiram discussões acerca dos métodos de alfabetização. Contudo, não é objeto de nossas reflexões o estudo sobre métodos de alfabetização, mas chamar a atenção para a concepção de alfabetização, que compreendida como a aprendizagem inicial da leitura e da escrita, tendo como foco fazer com que o aluno chegasse ao reconhecimento das palavras garantindo-lhe o domínio das correspondências fonográficas (REGO 2006). Desse modo, a alfabetização era compreendida como mera aquisição do código linguístico. Em outras palavras, a alfabetização é entendida tal como é definida no dicionário de Caldas Aulete (2004, p.31): “Trata-se ainda de um processo mecânico da aprendizagem dos sons das letras do alfabeto para que, conseqüentemente, se inicie a escrita do mesmo e assim se chegue a ler e escrever o próprio nome e algumas palavras”. Essa concepção de alfabetização aponta para uma “visão comportamental da aprendizagem que era considerada de natureza cumulativa, baseada na cópia, na repetição e no reforço (REGO, 2006, p.1)”. Por este prisma, a referida autora ressalta que se desconhecia a relevância de a criança desenvolver a sua compreensão sobre o funcionamento do sistema de escrita alfabético e de saber usá-lo dentro de um contexto real de comunicação.

Sendo assim, endossando o que nos coloca a autora em questão, Soares (2009, p.19) nos chama atenção para o fato de que “alfabetizado nomeia aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, **não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam.**” (grifo nosso).

Desse modo, é em função dessa ideia que, segundo Oliveira e Castela (2013, p.283), buscou-se superar as práticas de alfabetização centrada apenas na decodificação do código linguístico, ou seja, “práticas de alfabetização pautadas em um ensino tradicional, sem relação com os conteúdos trabalhados na escola e com os conteúdos da vida cotidiana dos alunos”. Assim, surgiu na década de 1980, o termo letramento, que é assim definido por Soares (2009, p.15): como “o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

Considerando a definição de Letramento na perspectiva apontada por Soares (2009), entendemos que ser considerado letrado vai além do saber ler e escrever apenas, mas que se situa no âmbito do uso da leitura e da escrita em situações reais, ou seja, nas interações que ocorrem tanto na escola como em outros espaços. Essa mesma conotação de letramento também é, assim, compreendida por Kleiman (1995, p.18) ao defini-lo como “uma prática discursiva de determinado grupo social, que está relacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever.” Na perspectiva colocada pela referida autora, compreendemos que o indivíduo pode ser letrado, mas não, necessariamente, alfabetizado. Ou seja, por estar inserido numa sociedade grafocêntrica, as pessoas participam de práticas discursivas letradas. Soares (2000, p. 24) nos chama a atenção para isso: ao se reportar às crianças não alfabetizadas:

[...] a criança que ainda não é alfabetizada, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada (SOARES, 2000, p. 24).

Nesta perspectiva, Teixeira (2008) nos afirma que o letramento deu continuidade ao processo que a criança já vinha construindo antes do ingresso da escola, pois vivia numa sociedade letrada e já interagia com várias linguagens disponíveis na sociedade e, também por conviver e interagir com pessoas que já lidavam com estas linguagens. Por este mesmo ângulo, Soares (2000, p.24) se reporta aos adultos não alfabetizados, ao afirmar que

[...] um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros lêem para ele, se dita cartas para que um

alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2000, p. 24).

Contudo, apesar de serem processos distintos, alfabetização e letramento são imprescindíveis quanto à aprendizagem da leitura e da escrita, conforme destacam Bizotto, Aroeira e Porto (2010, p.37): “Alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades. Porém, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e escrita.” Soares (2004) reitera essa ideia, a de que Alfabetização e Letramento são processos indissociáveis.

Dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, lingüísticas e psicolingüísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – *a alfabetização* – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – *o letramento*. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se *no contexto* de e *por meio de* práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver *no contexto da e por meio da* aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização. (SOARES, 2004, p.14). Grifos da autora)

Em consonância com o que diz a autora em questão, Rego (2006, p. 7) defende

[...] uma proposta pedagógica que dê suporte ao pleno desenvolvimento desses dois aspectos envolvidos na aprendizagem da leitura e da escrita desde o início da escolaridade, distribuindo o tempo pedagógico de forma equilibrada e individualizada entre atividades que estimulem esses dois componentes: a língua através de seus usos sociais e o sistema de escrita através de atividades que estimulem a consciência fonológica e evidencie de forma mais direta para a criança as relações existentes entre as unidades sonoras da palavra e sua forma gráfica

Em face às considerações aqui esboçadas em torno desses dois processos, compreendemos que, apesar das especificidades que os envolvem, eles devem ser tomados como base para o desenvolvimento de uma prática pedagógica voltada para alfabetizar letrando, que é posto como um desafio que se impõe à escola de hoje, conforme afirma Pelandré (2004, apud SANTOS, 2014, p. 8). É sobre as implicações de se alfabetizar na perspectiva do letramento que traremos algumas considerações no tópico que se segue.

3.2. Algumas considerações em torno do alfabetizar letrando

Conforme já vimos, alfabetizar e letrar são processos inseparáveis, e, portanto, interdependentes. Sendo assim, compreendemos ser imprescindível uma prática pedagógica na perspectiva de “alfabetizar letrando” e que isso representa um desafio com o qual os professores alfabetizadores, ou seja, aqueles que trabalham com as séries iniciais da escolarização, terão que lidar. Isto por conta da necessidade de conciliar os dois processos, alfabetização e letramento, de forma a assegurar aos alunos tanto o sistema alfabético-ortográfico da língua quanto o domínio das práticas de leitura e escrita, de fato, relevantes, conforme adverte Silva (2010). Afinal, conforme, sinaliza Rojo (2010, p. 27), *letrar*

[...] consiste em criar eventos (atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possam integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que estes ainda não dominam.

Endossando o que nos diz a autora em questão, alfabetizar letrando, de acordo com Santos (2014, p.8.),

[...] significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita: substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

Diante disso, entendemos que alfabetizar letrando passa por uma prática pedagógica em que os mais diversos gêneros textuais, disseminados, igualmente, nos mais variados suportes, sejam tomados como objeto de estudo, já que eles podem proporcionar aos aprendizes a percepção das mais variadas formas de se utilizar a escrita, tendo em vista a multiplicidade de situações comunicativas que podem espelhar em função da finalidade para os quais se destinam. De acordo com Mendonça (2006, p.54)), não podemos falar em letramento sem falar em gêneros. Para a referida autora “... se a inserção no mundo da escrita passa pelo domínio das formas de interação, mediadas pelos gêneros, o trabalho com gêneros na escola pode ser um dos eixos do ensino voltado à formação para a cidadania, inclusiva e crítica por definição”. Assim sendo, ressaltamos que

[...] a seleção do material escrito, portanto, deve estar guiada pela necessidade de iniciar as crianças no contato com diversos textos e de facilitar a observação de práticas sociais de leitura e escrita nas quais suas diferentes funções e características sejam consideradas. Nesse sentido, os textos de literatura geral e infantil, jornais, revistas, textos publicitários, entre outros, são os modelos que se podem oferecer as crianças para que aprendam sobre a linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1998, p. 151-152).

Essa ideia, em que se toma o texto como objeto primordial para o ensino de língua já é uma realidade na maioria das escolas (MENDONÇA, 2006) e parece já ser um consenso estabelecido, conforme Rojo (2004, p.2):

Há já uma tradição estabelecida na reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa na escola, segundo a qual a unidade mais relevante de ensino é o texto, que não deve se dar como pretexto para outras atividades de ensino sobre a língua ou sobre a escrita (alfabetização, ortografização), mas que se constitui em objeto de estudo, por si mesmo.

Contudo, de acordo com a autora em questão, entendemos ser necessário cuidado para que o texto não seja usado apenas como pretexto para atividades sobre a língua. Ou seja, apesar de parecer já um consenso estabelecido no que tange à reflexão sobre o ensino de Língua Portuguesa, há entraves que ainda precisam ser superados. Assim sendo, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) ao tratar sobre o papel da escola nesse processo, afirma que a

[...] escola deverá organizar um conjunto de atividades que possibilitem ao aluno desenvolver o domínio da expressão oral e escrita em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção de texto e a leitura, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical. (BRASIL, 1998, p. 49)

Ainda neste contexto, convém a ressalva feita por Soares (2001, p.135, apud SANTOS, 2014, p.10) no que se refere ao papel do professor:

[...] o professor precisa, em primeiro lugar, ser ele mesmo letrado na sua área de conhecimento: precisa dominar a produção escrita de sua área, as ferramentas de busca de informação em sua área, e ser um bom leitor e um bom produtor de textos na sua área. Isso se refere mais particularmente à formação que o professor deve ter no conteúdo da área de conhecimento que eleger.

Para além do domínio de sua área de atuação, Soares e Batista (2005, p. 11) enfatizam também a articulação entre o conhecimento teórico e de procedimentos metodológicos, considerados, por eles, como inseparáveis:

[...] metodologia e teoria são duas faces de uma mesma moeda e são, por isso, inseparáveis. Não é possível atuar, com autonomia, em sala de aula, sem o conhecimento do objeto que se deseja ensinar e de cuja natureza e características decorrem, em larga medida, a utilização – e, por que não, a criação – de princípios, diretrizes e procedimentos metodológicos. Assim, conhecimentos de natureza teórica são um elemento importante para a construção de uma atuação autônoma de qualquer professor e, por isso, devem integrar sua formação.

Diante do que nos colocam os autores acima, compreendemos que a tarefa de alfabetizar letrando exige muito investimento por parte do professor, no sentido de que ele precisa estar constantemente em um estado de aprendizagem também, por entendermos que essa atividade não se constitui, como podemos perceber, em uma tarefa fácil, já que implica a necessidade de que ele crie “alternativas para lidar com diferentes realidades sociais, diferentes eixos de construção cognitiva, diferentes tempos de aprendizagem, diferentes momentos conceituais e diferentes expectativas, experiências e saberes constituídos” (COLELLO 2007 p. 30).

Neste sentido, Silva (2010) nos chama a atenção para o fato de que as crianças que ingressam no primeiro ano do ensino fundamental serem portadoras de distintas experiências culturais e escolares e que, por isso, podem apresentar níveis diferentes de letramento e de aquisição da escrita. Desse modo, a referida autora nos alerta quanto à necessidade de que “a escola redefina o que se precisa ensinar em cada ano de escolarização, assim como qual será o ponto de partida e o de chegada de seu trabalho anual, tendo em vista os conhecimentos, as capacidades e as habilidades referentes à alfabetização e ao letramento previstos para cada etapa (SILVA, 2010, p.40)”. E isso requer planejamento. Por esse ângulo, Leal (2007, p. 76) afirma que a atividade de planejar nos permite refletir sobre as decisões a serem tomadas ao levarmos em consideração as habilidades e os conhecimentos prévios dos alunos “e podemos conduzir melhor a aula, prevendo dificuldades dos alunos, organizando o tempo de forma mais sistemática e avaliando os resultados obtidos”.

Considerações finais

Diante das considerações aqui esboçadas em torno de alfabetização e letramento, compreendemos ser estes termos dotados de significados distintos, tendo em vista que alfabetização remete ao domínio da tecnologia da escrita, ou seja, à aquisição do código linguístico, e que letramento reporta-se aos usos que fazemos da leitura e da escrita como práticas sociais. Contudo, percebemos que são termos indissociáveis quando nos remetemos para a prática de alfabetização na perspectiva do letramento. E neste sentido, faz-se necessário que o professor desenvolva atividades que tanto favoreçam a apropriação do sistema de escrita quanto atividades que propiciem o uso sociais da leitura e da escrita na perspectiva que aponta para o que entendemos ser *alfabetizar letrando*. No entanto, percebemos que, embora alguns estudos já mostrem que isso pareça ser consenso, posto já está pontuado pelos PCNs e vivenciada por muitas escolas, ainda representa um desafio para muitos professores, pois aponta para a necessidade de que o professor seja letrado em sua própria área, como bem sinalizado por Soares (2001), e implica, também, na necessidade de uma planejamento sistemático (LEAL, 2007), considerando que os alunos, que adentram na escola, são portadores de diferente níveis de letramento e de aquisição da escrita.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. Departamento da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: Conhecimento de Mundo**. Brasília, 1998. v. 3, p. 151-152.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília; MEC/SEF, 1998.

BIZZOTTO, M. I; AROEIRA, M. L; PORTO, A. **Alfabetização Linguística: da teoria à prática**. Belo Horizonte: Dimensão, 2010.

COLELLO, S. de M. G. A Construção do Conhecimento no Ensino da Língua Escrita: da Teoria à Prática. **Revista Internacional d'Humanitas**, v. 13, p. 25-30, 2007.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, Coleção Letramento, Educação e Sociedade, 1995.

LEAL, T. Organização do trabalho escolar e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia. (orgs.) **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MENDONÇA, M. Gêneros: por onde anda o letramento? In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (orgs.) **Alfabetização e Letramento**: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, I.F.L.; CASTELA, G. S. Alfabetização e/ou letramento: implicações para o ensino. **Revista Travessias**. vol.07, n.1. p.281-297, 2013.

REGO, L. L. B. **Alfabetização e letramento**: refletindo sobre as atuais controvérsias. Conferência apresentada no Seminário Alfabetização e letramento em debate. Ministério da Educação, Brasília, 2006. Disponível em [HTTP://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfund/afsem.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ensfund/afsem.pdf) Acesso em: 27.07.2019

ROJO, R. Letramento e diversidade textual. In: **Boletim** 2004, Alfabetização, leitura e escrita, programa 5. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/salto> Acesso em 27.07.2019.

_____. Alfabetização e letramentos múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, E. O. ROJO, R. H. R. (coord.) **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SANTOS, T.C. Alfabetizar Letrando. **REBES – Revista Brasileira de Educação e Saúde**. Pombal – PB, v. 4, n. 1 p. 07- 11, jan/mar., 2014

SILVA, C. S.R. O processo de Alfabetização no contexto do ensino fundamental de nove anos. In. RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (coord.) **Língua Portuguesa**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010.

SOARES, M.; BATISTA, A. G. **Alfabetização e Letramento**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5-17. jan./fev./mar./abr., 2004.